

ANÁLISES DE CENAS BRASILEIRAS A PARTIR DA NOÇÃO DE PODER EM FREUD E MARX

Análisis de escenas brasileñas a partir de la noción de poder en Freud y Marx

Analysis of brazilian scenes based on the notion of power in Freud and Marx

RESUMO:

A partir de questionamentos sobre o recrudescimento do conservadorismo nos planos subjetivos e sociais; a dificuldade dos sujeitos em sustentar o lugar da diferença e a desigualdade humana presentes no atual cenário brasileiro, elegemos dois eventos protagonizados por apoiadores do governo em exercício no país (2019-2022) para analisar o entrelace da consciência com o inconsciente nas ações do sujeito face ao outro, segundo a noção de poder nas leituras de Freud e Marx. Na psicanálise freudiana, o poder possui estrita relação com o infantil e com os processos inconscientes do sujeito. Já no marxismo, o poder vincula-se ao conceito de ideologia e a noção de consciência de classe. Considerando as potências e os limites dessas duas matrizes teóricas que abordam o poder, forjam-se análises para instigar novos horizontes de ação política a serem desenhados nas relações dinâmicas entre conteúdos privados e públicos, singulares e coletivos, inconscientes e conscientes.

Palavras-chave: Poder; Infantil; Ideologia; Psicanálise; Marxismo.

RESUMEN:

A partir de interrogantes sobre el resurgimiento del conservadurismo en los planos subjetivo y social; la dificultad de los sujetos para sostener la diferencia y la desigualdad humana presentes en el escenario brasileño actual, seleccionamos dos eventos protagonizados por simpatizantes del gobierno 2019-2022 para analizar el entrelazamiento entre la conciencia y el inconsciente en las acciones del sujeto hacia al otro, según la noción de poder interpretada por Freud y Marx. En el psicoanálisis freudiano, el poder está estrechamente relacionado con la infancia y los procesos inconscientes del sujeto. En el marxismo, el poder se vincula al concepto de ideología y a la noción de conciencia de clase. Considerando las potencias y limitaciones de estas dos

LETÍCIA TELES DE SOUSA

<https://orcid.org/0000-0002-0491-4235>
Mestranda em Psicologia Social na Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC, Brasil.
E-mail: leticiatelesdesousa@gmail.com

MÉRITI DE SOUZA

<https://orcid.org/0000-0002-8157-7615>
Doutora em Psicologia Clínica pela PUC/SP com estágio pós-doutoral no CES - Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Professora permanente no Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina.
E-mail: meritisouza@yahoo.com.br

PEDRO VALENTIM ECCHER

<https://orcid.org/0000-0002-8449-9464>
Mestrando em Psicologia Social na Universidade Federal de Santa Catarina.
E-mail: peeccher@gmail.com

DOI: 10.5935/2175-1390.v25e24429



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons CC BY. Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original.

matrices teóricas que abordan el poder, se forjan análisis que incitan nuevos horizontes de acción política que se diseñarán en las relaciones dinámicas entre lo privado y lo público, lo singular y lo colectivo, lo inconsciente y lo consciente.

Palabras clave: *Poder; Infancia; Ideología; Psicoanálisis; Marxismo.*

ABSTRACT:

Based on questions about the resurgence of conservatism in the subjective and social spheres; given the difficulty subjects have in sustaining the place of difference and human inequality present in the current Brazilian scenario, we selected two events led by supporters of Brazilian government in office between 2019 and 2022 to analyze the intertwining of consciousness with the unconscious in the subject's actions toward the other, according to the notion of power as interpreted by Freudian and Marx. In Freudian psychoanalysis, power is closely related to the infantile and the subject's unconscious processes. In Marxism, power is linked to the concept of ideology and the notion of class consciousness. Considering the potentialities and limits of these two theoretical frameworks that address power, analyses are forged to instigate new horizons of political action, designed within the dynamic relationships between private and public, singular and collective, unconscious and conscious contents.

Keywords: *Power; Infantile; Ideology; Psychoanalysis; Marxism.*

INTRODUÇÃO

No cenário atual nos mobiliza o interesse em compreender alguns aspectos que sustentam o corrente recrudescimento do conservadorismo nos planos subjetivos e sociais, bem como, a manutenção da desigualdade humana nos planos econômicos, sociais e culturais. De forma específica, nos mobiliza a necessidade de compreender a constituição no plano subjetivo da ação do sujeito face à diferença que o outro encarna. Entendemos que esse modo de funcionar se associa a onda conservadora difundida no cenário contemporâneo. Em outras palavras, é visível o recrudescimento de formas de atuação social marcada pelo conservadorismo e pelo repúdio ao outro que professa crenças, opiniões, opções sociais e subjetivas diferentes daquelas do sujeito hegemônico. Ou seja, a relação com o outro parece, mais do que nunca, estar marcada pela dificuldade do sujeito em conseguir sustentar o lugar da diferença, considerando a estreita relação da diferença com a prática democrática.

Tratando-se do poder, pressupomos que essa seja uma questão chave na relação do sujeito com o outro e com a manutenção da desigualdade, postas nos planos da sociedade e da subjetividade. Entendemos que no caso do poder temos uma leitura majoritária marxista segundo a qual o poder é ligado à ideologia e debate-se entre o partido, o Estado e os movimentos da sociedade civil (Marx, 1859/2000; Marx & Engels, 1846/2007). No caso da leitura psicanalítica, o poder está presente na constituição psíquica do sujeito desde a infância, principalmente no embate entre as pulsões e a repressão interna e externa, ou seja, entre o princípio do prazer e o princípio da realidade; na relação dinâmica entre Eu, Isso e Super eu (Freud, 1930/1976, 1913/2013 1919/2011).

Deste modo, acreditamos que o trabalho que envolve a crítica ao poder pode se apoiar nas condições que viabilizem a autonomia do sujeito a partir da compreensão e transformação do inconsciente e da consciência. Nossa preocupação diz respeito a dificuldade humana em conseguir suplantar as condições afetiva, social e econômica atuais; de suportar a diferença e acolher o outro que desestabiliza qualquer imaginário de totalidade e perfeição (seja no plano econômico, de gênero, de raça, entre outros). Essa questão preocupa-nos, pois, os sujeitos a partir dos seus discursos e práticas criam e/ou sustentam a realidade da vida cotidiana. De forma específica, perguntamos como no Brasil contemporâneo seres humanos que apresentam discursos e se voltam a práticas ditas transformadoras e democráticas elaboram propostas e práticas cotidianas calcadas na exclusão do outro? Fundamentalmente, perguntamos sobre discursos e práticas estabelecidas pelos sujeitos no cenário nacional atual considerando suas relações com o outro e com o poder.

Complementares às premissas apresentadas, duas cenas produzidas no Brasil nos ajudam a problematizar as relações subjetivas e sociais que o sujeito estabelece com o outro e com o poder. A primeira cena remete às manifestações realizadas em 07 de setembro de 2021, por apoiadores do governo federal de extrema-direita em vigor no referido ano. Já a segunda, remete a tentativa de censura de apoiadores desse mesmo governo ao festival brasileiro de música chamado Lollapalooza, ocorrido em março de 2022. Neste ponto, consideramos importante sublinhar que neste escrito foi analisado o poder e seus efeitos na política e na subjetividade, ponderando o contexto sociopolítico corrente de 2019 a 2022 (conhecido como governo Jair Bolsonaro). Assim, é necessário enfatizar o entendimento de que as modalizações do poder, da política e da subjetividade continuam a operar, mesmo após este período e com a alteração de gerência do governo federal. Compreendemos que as mudanças implementadas pelo atual governo não implicaram necessariamente, a alteração desse cenário de forma linear, causal e qualitativa, uma vez que as transformações ocorridas no país naquele período foram substanciais e continuam a operar em nossa sociedade, mesmo que à revelia do que se vê no cenário político atual. Assim, buscamos enfatizar a compreensão das forças que continuam a operar na sociedade brasileira e que necessitam ser compreendidas, pois, atravessam a temporalidade da política e das modalizações subjetivas.

Portanto, neste estudo firmamos a intenção de investigar essas problematizações a partir de uma análise teórica tendo como fundamento algumas das obras de Sigmund Freud e de Karl Marx. Para isso, recorreremos aos pressupostos freudianos sobre o infantil e ao conceito marxista de ideologia, considerando as suas articulações entre si e com os planos subjetivos e sociais do nosso tempo. Por fim, salientamos

que não pretendemos delinear de forma definitiva alguma resposta para essas questões, muito menos esgotar os conceitos e as obras citadas, mas apresentar alguns pontos a serem trabalhados, de modo a produzir [auto]críticas significativas e desenhar horizontes possíveis.

ATOS E ANÚNCIOS DO ATUAL CENÁRIO BRASILEIRO

Observamos no cenário brasileiro relações nos planos subjetivos e sociais que escancaram a força e os efeitos do conservadorismo representado por um governo federal de extrema-direita em exercício de 2019-2022. Essa onda conservadora recebeu legitimidade nas eleições presidenciais de 2018, quando o discurso do candidato que ganha as eleições imputa uma proposta com forte apelo, recorrendo ao *slogan* por um “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”. Inicialmente, perguntamo-nos: qual Brasil e qual deus possuem o direito de estar acima de tudo e de todos?

Desde então, percebemos um aumento expressivo de *fake news* no contexto macropolítico brasileiro. Importante destacar que *fake news* são notícias falsas espalhadas por canais de comunicação com o objetivo de apresentar uma informação real. Esse mecanismo legitima uma perspectiva de modo a atacar uma pessoa, um grupo ou outro ponto de vista contrário. Por ter forte poder viral se capilariza na população de uma forma acelerada e incontrolável. Esse termo ganhou notoriedade na corrida à presidência nos Estados Unidos da América entre os candidatos Hillary Clinton e Donald Trump, no ano de 2016 e tem sido um recurso articulado pelo governo Bolsonaro (Barcelos et al., 2021).

Cabe, ainda, ressaltar que o governo em exercício neste período apresentou descaso com relação ao gerenciamento estatal da doença Covid-19; doença considerada de caráter pandêmico pela Organização Mundial da Saúde (OMS) que provocou no mundo alto número de mortes. No Brasil, até abril de 2022, se contabilizam 662 mil mortes (Painel Coronavírus, 2022. Conforme afirmado anteriormente esse cenário afeta a população brasileira e evidencia a displicência deste governo para com a população.

Como saldo nesse cenário temos no tecido social brasileiro um significativo sucateamento de políticas públicas de educação, saúde e cultura; um considerável repúdio às diferenças e a ratificação de uma ideologia arbitrária. Além disso, percebemos um expressivo aumento no conjunto de discursos ditatoriais e violentos contra as minorias sociais e, sobretudo, contra adversários políticos que manifestam resistências.

A título de exemplo, temos os atos ocorridos no dia 07 de setembro de 2021, data marcada por manifestações contrárias à democracia e a favor do (des)governo federal nas ruas de cidades brasileiras, bem como manifestações de oposição a este executivo vigente. Especificamente sobre os apoiadores deste executivo, nos atos realizados em Brasília e São Paulo, onde o então presidente se fez presente, o tom empregado nos discursos enunciados afrontavam os poderes (judiciário, legislativo e executivo), a Constituição e a democracia brasileira. O presidente deliberava em coro junto de seus apoiadores (civis e políticos) a defesa do voto impresso e ameaças carregadas de ódio e imprudência diretas ao Supremo Tribunal Federal (STF, numa tentativa de afirmar o poder do cargo que ocupa. Ainda, no enredo performado, um apoiador do presidente Jair Bolsonaro bradava de um carro de som “*nós estamos aqui defendendo a liberdade!*” (Alessi & Oliveira, 2021). Essa descrição do acontecimento está noticiada na matéria divulgada no jornal *El País*, em 07 de setembro de 2021. Dessa forma, a questão que se coloca é: o que consideram como liberdade?

As pessoas que formavam essas manifestações apoiando tal governo eram em sua maioria brancas e estavam vestidas de verde e amarelo. Carregavam cartazes, gritavam em nome de seu presidente e anunciavam o retrato do Brasil que apresenta o recrudescimento do conservadorismo e uma homogeneidade discursiva. Diversos foram os veículos de imprensa que relataram esses ocorridos. Jornais como *El País* e *Folha de São Paulo* divulgaram inúmeros recortes e críticas. Especificamente, o site *Poder 360* (2021), divulgou em sua matéria fotografias dos manifestantes apoiadores e contrários ao ato do 07 de setembro. A Figura 1 e Figura 2 expostas no texto, demonstram registros do apelo social dos apoiadores presentes nos atos, que legitima uma parcela da população a demandar atos golpistas, autoritários e antidemocráticos.

Figura 1. Apoiadores com a faixa “Intervenção militar já!”



Fonte: Portal 360, 2022.

Figura 2. Apoiadores com o cartaz “a vontade do povo é a democracia”



Fonte: Portal 360, 2021.

Figuras como essas ilustram as relações de poder e de autoridade no atual cenário brasileiro, sobretudo, por escamotear as disparidades econômicas, raciais e de gênero contidas no país. Além disso, representam o alastramento de discursos ideológicos de caráter violento e suas articulações com certos posicionamentos macro e micro políticos de uma parcela da população brasileira, e encarnados numa figura de autoridade – o Presidente.

Outra cena que nos mobiliza, ocorreu no festival brasileiro de música Lollapalooza em 25 de março de 2022, em que a artista brasileira Pablllo Vittar recebeu da plateia uma bandeira com o rosto de uma figura de oposição ao governo federal em vigor (ex-presidente Lula) e colocou sobre o seu corpo como forma de protesto contra o atual governo. Cabe destacar que o ano de 2022 no Brasil terá novas eleições presidenciais e, em vista disso, o ato da artista segundo o Partido Liberal (PL) existente no país, foi visto como propaganda eleitoral antecipada e levado como ação ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE) para haver punição. Nas redes sociais, diversas pessoas e artistas manifestaram-se contra essa ação do Partido Liberal (PL) denunciando a ação como tentativa de censura em pleno regime democrático. Diante da repercussão negativa ao presidente em exercício e ao Partido Liberal (PL), o mesmo retirou o pedido e o STF arquivou o caso (Azevedo, 2022).

Duas questões nos chamam a atenção nessa tentativa de censura. Primeiramente, a artista que segura a bandeira representa uma minoria, justamente por abordar tanto em suas performances quanto em suas músicas questões familiares às pessoas que se reconhecem nos movimentos LGBTQIAPN+. Por segundo, essa tentativa de censura reflete o atual estado do setor cultural brasileiro, principalmente após 2018 (última eleição presidencial), devido aos cortes extensos a editais e expressões artísticas, refletidos no rebaixamento do Ministério da Cultura à secretaria especial durante o gerenciamento de pastas ministeriais do governo de extrema-direita que assumiu a presidência (Prado, 2022). Assim, questionamos: por que tanta preocupação em limitar o acesso à arte e à cultura?

Essas duas cenas apresentadas e os enredos figurados fornecem pistas importantes para pensarmos a ação política, o poder e a resistência. Especialmente, convoca problematizar o modo como a subjetividade atravessada pela consciência e pelo inconsciente opera diante do plano social, das ideologias e das relações entre os sujeitos mediante determinadas figuras de autoridade.

O PODER E O INFANTIL EM SIGMUND FREUD

O partido político assume a necessidade da obtenção do poder, para negá-lo posteriormente; já o Estado assume o poder para organização e sustentação da sociedade; por conseguinte os movimentos sociais criticam o poder institucionalizado buscando o atendimento às suas reivindicações. Assim, o poder está presente nos meandros da sociedade civil, encarnado em diferentes espectros e por múltiplos posicionamentos. Portanto, perguntamos: o poder, e a admissão explícita do nosso desejo de poder, assusta a tal ponto que tanto as correntes de esquerda quanto as de direita necessitam justificar o seu desejo de possuí-lo ou de mantê-lo? Acreditamos que essa questão reporta ao aspecto singular do poder, ou seja, a maneira que o sujeito singular, membro constitutivo e constituído das e pelas instâncias psíquicas e sociais, representa e trabalha com a questão do poder.

Freud (1908/2015) apontou que o poder é vivido pela criança de forma ambígua. Ela deseja o poder do adulto, pois ele satisfaz ou não suas necessidades de carinho, proteção, cuidados físicos, dentre outras. Entretanto, a partir da sua história de vida, sentimentos conflitantes como o amor e o ódio gerados pela mesma pessoa, irão imbricar-se, levando a criança a desejar e a repudiar o poder. Exemplificando, uma criança pode ter o desejo de repudiar a mãe que demorou a dar-lhe o leite, porém, essa mesma mãe a alimentou e a protegeu anteriormente. Logo, a criança afasta esse sentimento de ódio reprimindo-o. Com essa situação cria-se outra: a ambiguidade de sentimentos para com o poder, no caso, o desejo e o repúdio.

Sabemos também o quanto o poder na psicanálise se liga à figura paterna (o próprio pai ou uma figura que o substituiu) de várias formas. Um exemplo pode ser encontrado em *“Totem e Tabu”* de Freud (1913/2013). Nesse escrito, o autor conjectura um mito protagonizado por um pai tirano de um clã primitivo, detentor de todas as mulheres de sua horda; e por seus filhos, representados como escravos, que alimentavam ódios intensos devido às relações de hierarquia e de cerceamento à liberdade intuída por esse pai. A história tem seu desfecho quando os filhos nutridos pelo ódio se unem e cometem parricídio, para se libertarem da tirania dessa figura. Ao matar o pai, os filhos o devoram em um banquete totêmico;

posteriormente, são tomados pela angústia e pela culpa, porque embora cruel, a figura paterna — agora assassinada — resguardava, alimentava e direcionava o clã.

Após o assassinato do pai, os filhos descobrem sua força, mas também tomam ciência que todos são tiranos em determinado modo e grau, tendo que lidar, em simultâneo, com os benefícios e as mazelas da autonomia e da suposta liberdade. Nesse mito, dado que as mulheres não são mais exclusivas a um único homem, os membros sobreviventes instituem uma lei que impede pessoas do mesmo clã de se relacionarem sexualmente, para não repetirem as ações do pai morto. Isso representaria a origem do tabu original, o incesto, e de todos os outros tabus que se derivam dele. Com efeito, Freud ilustra a passagem do pai tirano para um pai simbólico, nutrido por amor e ódio, que marca leis no aparelho psíquico.

Sobre as ambivalências com o poder manifestadas na vida adulta, Freud (1919/2010) propõe que o escoamento do recalçado entravado pela moral cultural, pode comumente ocorrer por meio da agressividade e do ódio às figuras que representam a diferença, o estranho, o não familiar. Esse conteúdo é o recalçado que o sujeito nega e não reconhece em si, mas que o habita de alguma forma, projetado na figura do outro reconhecido como diferente. O diferente aponta as feridas narcísicas das identificações do Eu e afronta as certezas desse sujeito constituído pelas fantasias de si e dos seus coletivos. Nisso, as constatações das pequenas diferenças dos outros (sejam elas classes sociais, cores de pele, culturas e/ou gêneros) desestabilizam o imaginário de perfeição e totalidade que calcam as demandas de um infantil perverso-polimórfico; demandas essas renunciadas em nome de figuras de autoridade que não puderam ser contestadas/conquistadas.

Pensando nas relações de poder instauradas no aparelho psíquico pela dinâmica de medo e desejo às figuras de autoridade, constata-se que existem restos pulsionais que não conseguem ser metabolizados e controlados, mesmo com o recalçamento daquilo que é insuportável à consciência. Isso resulta em uma tendência humana a destruir aquilo que possa afligir a constituição narcísica do Eu. Com efeito, características que denunciam as fragilidades das defesas psíquicas do sujeito tendem a ser atacadas como tática de proteção às fragilidades do Eu e amenização do sofrimento psíquico reatualizado pelo traumático infantil (Freud, 1915/2010). Para esse autor, na economia psíquica e nas relações com os coletivos, torna-se mais fácil negar as diferenças e acolher as supostas semelhanças como defesa perante os afetos infantis que não cessam de se manifestar durante a vida do sujeito.

Nesses processos e numa série de outras situações análogas, o poder é representado pela busca e consecução do infantil. Consequentemente, implica a perda da dependência em relação às figuras de autoridade, pois se assume a igualdade perante essas figuras, assume-se a possibilidade de que a realização dos nossos desejos, da nossa felicidade, está em nós, não necessariamente no outro. A negação dessa possibilidade de plena autossuficiência, desse desejo de possuir o outro, implica a problematização da autonomia do sujeito. Este pode negar a busca pela sua autonomia em troca da certeza, da segurança, da proteção e do carinho parental; como aquilo advindo das figuras associadas ao poder, que encarnam a figura autoritária, prometem oferecer todas as respostas à vida humana.

Em outras palavras, supomos que aquelas pessoas que em nome do que denominam de liberdade e de democracia se aferram a atos que excluem pressupostos democráticos, como o reconhecimento do outro diferente, procuram fugir do trabalho de lidar com a sua autonomia e com a responsabilidade que isto demanda. Essas pessoas aferram-se a figuras autoritárias e a propostas sociais, econômicas, políticas, que encarnam o poder e afirmam possuir todas as respostas e verdades sobre a vida. Temos aqui um modo de funcionar que explicita o medo e a angústia face a dúvida e a incerteza da condição humana e dos enigmas frente a finitude e a sexualidade, conforme aponta Freud (1930/1976). Entendemos que parte das pessoas que encontramos nas manifestações realizadas no Brasil conforme apresentadas no início do texto, podem se agregar a leituras freudianas sobre o poder que apresentamos. Não obstante, a interpretação psicanalítica do poder não é a única. Entre outras, encontramos a análise marxista do poder, que trabalhando no plano sociológico e econômico, o caracteriza e delinea.

O PODER E A IDEOLOGIA EM KARL MARX

Para Marx o poder localiza-se no Estado, instituição por excelência centralizadora e mantenedora deste e, a função do proletariado (classe revolucionária historicamente determinada) é a tomada do poder político iniciando-se pela tomada do Estado. Lemos o seguinte no Manifesto do Partido Comunista, de Marx e Engels (1998, p. 17):

Uma vez desaparecidos os antagonismos de classe no curso do desenvolvimento, e sendo concentrada toda a produção propriamente dita nas mãos dos indivíduos associados, o poder público perderá seu caráter político. O poder político é o poder organizado de uma classe para a opressão de outra.”

Podemos entender que Marx, junto a Engels, preconizava a tomada do Estado dada a convergência, num primeiro momento, entre o poder público e o poder político, sendo que propunham a extinção do poder político. Nos interessa a leitura marxista sobre o poder e sua relação com a ideologia, pois o autor o analisa e também sugere sua tomada, ou seja, mantém uma relação de confronto com o poder, não o renegando, mas o valoriza e demonstra a necessidade de o utilizarmos.

Acreditamos na potência da utilização desses conceitos na tentativa de compreensão dos fenômenos sociais. Ainda, consideramos viável a utilização do conceito ideologia desde que ampliemos sua definição para respondermos alguns de nossos questionamentos neste escrito, visto que este é um movimento teórico-crítico que vem sendo realizado constantemente por inúmeros estudiosos ao longo dos anos. Sobre essa questão, não é nossa intenção neste estudo trabalharmos com os vários conceitos de ideologia (Chauí, 2008). Interessa-nos a discussão e entendimento do conceito em Marx, dado acreditarmos que uma ampla gama de críticas dirigidas às definições marxistas dirige-se a uma leitura específica deste, o que não condiz com possíveis leituras da ideologia em Marx que podem nos ser funcionais na proposta deste artigo.

Encontramos em “*Ideologia alemã*”, obra de Marx e Engels (1846/2007), a concepção mais divulgada e criticada de ideologia, ou seja, ela é vista como uma máscara que esconde as reais condições sociais e históricas via um processo de inversão da realidade. Ela estaria a serviço, única e exclusivamente da classe dominante existindo, portanto, como ideologia dominante. Como vemos trata-se de uma concepção restrita do conceito, entretanto não podemos afirmar que seja essa a única definição marxista de ideologia.

Na obra “*Para a crítica da economia política*” (1859/2000) lemos que a ideologia se trata de um meio, um lugar, no qual os homens se tornam conscientes da luta de classes. Na obra “*As lutas de classes na França*” (Marx, 2012), ela será tratada como um véu que impede as pessoas a tomada de consciência da luta de classes. Entretanto, no “*O Capital*” (Marx, 1985) a ideologia corresponderá a um sistema de valores, crenças, ideias ou teorias que servem aos interesses de uma classe particular e, se tomarmos a obra marxista no seu todo, encontramos nesta um sentido difuso que conceitua ideologia como forma adquirida pelas ideias históricas de uma época.

Ao trabalharmos com esse conceito marxista devemos tomar cuidado e não partir de uma específica concepção restrita, no sentido de entendermos uma determinada concepção como sendo a única e verdadeiramente marxista. Acreditamos que devemos inverter nossa postura e perguntar o que levou Marx a trabalhar esse conceito, de quais afirmações ele partiu, o que ele se perguntou em relação à ideologia.

Entendemos que Marx partiu basicamente de duas afirmações: (a) as ideias são produzidas pelas condições socioeconômicas e (b) a mediação entre as ideias e a realidade são realizadas pelas práticas sociais. Considerando essas afirmações, ele se perguntava como as práticas sociais são determinadas, procurando explicar que as ideias se desligaram da sua origem material e se universalizaram no plano meramente ideal no mundo da mente humana.

Em outras palavras, para Marx as relações sociais de produção engendram as representações – a consciência. Então, como explicar que uma grande parcela da população elabora representações dissociadas da sua realidade material? A resposta encontrada por Marx diz respeito a ideologia, entendida

como modo específico de exercício de poder por parte das classes dominantes e do modo de produção capitalista que ofusca os mecanismos de sua perpetuação econômica associados a mais-valia, bem como, dissemina o discurso de que seu modo de produção é universal.

Acreditamos na viabilidade de apontar a questão dessa forma e assim procurar entendê-la, pois, a partir dessas formulações notamos a grande preocupação do autor com a questão da consciência social, ou seja, de como a ideologia se articula e se sustenta ao nível do sujeito e da sua classe. Assim, o discurso ideológico é entendido como discurso sobre o social; se realiza como discurso único e verdadeiro, operando no plano transcendental como se estivesse fora do cenário social.

Não obstante, nossa crítica reporta-se a ligação unilateral realizada pelo autor entre a consciência e a ideologia. Como vimos, Marx relaciona à ideologia a dificuldade do afloramento da consciência social – consciência classista – e a possibilidade de derrubada do poder político com esta ampliação da consciência.

AÇÃO POLÍTICA, CONSCIÊNCIA E INCONSCIENTE

Em nosso entender Marx parte de proposições com as quais concordamos, porém, faz-se necessário salientar que ele elabora de forma específica suas análises em decorrência do caráter das suas preocupações e do seu referencial teórico. Consideramos que sua preocupação com a transformação social aliada à compreensão da realidade capitalista, o leva a apontar e organizar propostas de leitura e intervenção social que, em suas análises seriam possíveis a partir de uma classe social específica (o proletariado e sua consciência de classe). A compreensão teórica do autor o leva a entender a junção do singular, particular e universal na modalidade classe social, ainda que possamos localizar aqui o privilégio do universal.

Por seu turno Freud ao longo da sua obra apresenta-nos uma tendência a privilegiar o singular a partir de uma leitura específica que o leva a elaborar suas análises em decorrência do caráter das suas preocupações e do seu referencial teórico. A preocupação, em Freud, se dirige ao inconsciente como estrutura formadora e mantenedora do poder e, nesse ponto, preocupava-se mais com a apropriação singular que cada um faz das representações associadas às condições particulares e universais que fundam a produção desse inconsciente.

Podemos entender que para Marx o efeito de subjetivação opera a partir da ação política calcada no universal da classe social, assim como, em Freud a ação terapêutica de tornar consciente o inconsciente visava a perlaboração por parte do sujeito sobre sua história, como forma de aliviar as dores psíquicas enfrentadas; havendo o pressuposto de que o efeito de subjetivação objetiva a alteração do quadro clínico. A leitura sobre o sujeito em Marx pressupõe necessariamente sua alteração psíquica em decorrência da ação política, ao passo que em Freud a leitura sobre o psiquismo pressupõe que pode ocorrer ou não a mudança de comportamento no sentido da ação política.

Importante salientar que o percurso das relações entre psicanálise e marxismo é longo e repleto de percalços. Em termos históricos podemos acompanhar as intrincadas relações entre essas matrizes teóricas e seus defensores e opositores desde os movimentos que envolveram a revolução russa, no início do século XX. Podemos localizar desde propostas para a elaboração de uma psicanálise materialista apoiada por revolucionários e por psicólogos russos; embates nas sociedades de psicanálise europeias entre aceitar ou recusar a sociedade psicanalítica russa; embates no partido comunista russo entre aceitar as leituras freudianas ou recusá-la. São extensas, diversas e intrigantes as relações travadas entre instituições e profissionais adeptos da psicanálise e do materialismo histórico e dialético (Macari & Weinmann, 2021).

Neste ponto é importante salientar que tanto o denominado marxismo quanto a denominada psicanálise, por vezes perdem a sua potência disruptiva ao abandonarem suas premissas e propostas inovadoras. A psicanálise perde seu potencial quando realiza a ontologização do inconsciente, colocando essa instância como fator exclusivo na constituição subjetiva e restringindo essa constituição a fatores internos e dissociados da realidade social e histórica. No caso do inconsciente, pedra angular da teoria psicanalítica, temos a ontologização do inconsciente sendo criticada por Leda Barone (2014, p. 154) ao comentar “o inconsciente - destituído do estatuto ontológico, substancialista e unitário - é uma lógica

produtiva das representações. Ele não *existe*, mas *há* na medida em que o método interpretativo (a ruptura de campo) o faz surgir”.

Nessa perspectiva, é necessário rememorar leituras de profissionais e pesquisadores localizados no próprio campo psicanalítico que criticam a perpetuação de conceitos e técnicas e propõem reformulações que aliam os pressupostos teórico metodológicos ao cenário das produções subjetivas contemporâneas. No cenário internacional, bem como no cenário nacional, localizamos inúmeros autores e autoras que trabalharam reelaborando os conceitos da metapsicologia para operar no trabalho clínico considerando os atravessamentos contemporâneos dos contextos históricos, sociais, econômicos, culturais (Birman, 1999, 2002; Freire Costa, 2021; Kehl, 1996, Lacan, 2008; Laplanche, 1988, 1992).

No marxismo a potência disruptiva pode deixar de operar quando se instala a teleologia do desenvolvimento histórico e o contexto social, histórico, econômico, passa a ser reduzido a modalidade econômica. No caso temos a predominância da infraestrutura com o abandono da superestrutura. Em outras palavras, em muitos contextos o marxismo enveredou por análises que reduzem a materialidade ao econômico e perdem a dimensão do sujeito histórico, gerando análises e estratégias políticas que necessitam serem cumpridas de modo a garantirem o desenvolvimento histórico que inevitavelmente desembocará no socialismo. A crítica a utilização dos pressupostos marxistas como uma fórmula a ser aplicada à realidade é realizada por Sidnei Munhoz que escreve “no campo do marxismo, a reprodução esquemática de um modelo teórico que explica o todo, substituindo assim a própria realidade é bastante antiga havendo se manifestado das mais variadas formas e já foi combatida pelo próprio Engels” (2015, p. 96).

Também no caso do marxismo é importante lembrar que inúmeros autores e autoras tanto no cenário internacional, quanto no cenário nacional, produziram obras e estratégias políticas que procuram resgatar a dimensão do sujeito histórico, bem como, considerar as intrincadas relações entre infraestrutura e superestrutura (Anderson, 1989; Konder, 1999; Lukács, 2012a, 2012b).

Dessa forma, é necessário salientar que autores contemporâneos dos mais variados segmentos dedicaram seus trabalhos e pesquisas a trazer contribuições para relacionar as leituras de Freud e de Marx. Fundamentalmente, considerando a importância de reconhecer as leituras dos dois autores como necessárias à compreensão do funcionamento social e psíquico, bem como, à elaboração de práticas e ações críticas que pudessem encampar o reconhecimento da consciência e do inconsciente. Esses autores ampliaram e reorganizaram as leituras freud-marxistas considerando aspectos diferenciados nas suas leituras. A título de exemplo, podemos citar Michel Foucault (1979) que a partir da proposta da genealogia repensa a questão do poder entendendo-o via uma microfísica do poder, ou seja, o poder político permeia o Estado e a sociedade civil realizando-se, atuando e mantendo-se nessa relação.

Para esse autor, ao invés de pensarmos o poder como algo fixo, localizado, linear, não-relacional e presente em grandes instituições como o Estado; o reconhecemos como sempre em movimento, plural, constituído e constituinte nas relações que temos com a escola, a ciência, o hospital, a sexualidade, a loucura, dentre outros aspectos. Em Foucault o poder é entendido como estratégia de dominação, pois recorre a uma concepção diferente de poder daquela observada na obra marxista e na obra freudiana, a partir do diálogo crítico que mantém com as referências freud-marxistas.

Salientamos, ainda, que a teoria crítica é uma das leituras freud-marxistas mais conhecidas, envolvendo pesquisadores da Escola de Frankfurt, como Theodor Adorno (1985, 2009), Max Horkheimer (1983), Walter Benjamin (1996), Jürgen Habermas (1980, 1982), Herbert Marcuse (1969, 1973), dentre outros. Ademais, é amplamente conhecida a corrente teórica da Esquizoanálise elaborada por Gilles Deleuze e Felix Guattari (1976, 1992, 1996), na qual os autores repensam e propõem uma nova perspectiva sobre a constituição psíquica, a realidade e o conhecimento, a partir da apropriação crítica de aportes freud-marxistas, além do diálogo estabelecido com outros autores como Baruch de Espinoza, Henri Bergson e Friedrich Nietzsche.

Não é nosso objetivo adentrar as profundas e necessárias análises que esses autores da Escola de Frankfurt, da genealogia foucaultiana e da Esquizoanálise realizam acerca das relações freud-marxistas

nos mais variados campos da cultura, autoritarismo, personalidade, desejo, artes, política, diferença e outros aspectos da subjetividade e cultura. Diante disso, nos interessa apontar a pertinência e preocupação deles em relação a importância de análises que envolvem a consciência e o inconsciente na sua amarração com a constituição psíquica e com a ação política. Assim, a título de exemplo salientamos uma fala de Deleuze (1985, p. 57):

Ora, se consideramos Marx e Freud, não literalmente, mas o devir do marxismo ou devir do freudismo, vê-se que eles se lançaram paradoxalmente numa espécie de tentativa de recodificação: recodificação pelo Estado, no caso do marxismo (“você são doentes pelo Estado, e serão curados pelo Estado”, não será o mesmo Estado) — recodificação pela família (estar doente pela família, curar-se pela família, não a mesma família).

Portanto, Freud delega às pulsões e aos desejos a função delegada à ideologia em Marx. Conforme Deleuze (1985), teremos o marxismo público e a psicanálise privada, ambas objetivando operar sobre aquilo que não cessa de se decodificar nos horizontes da vida cotidiana. Talvez, apropriando-nos dessa premissa deleuziana sobre o freudismo e o marxismo, possamos criar outros e novos arranjos sobre a relação dos sujeitos para com o poder. Produzir ideias singulares que não correspondam ao classicismo dessas matrizes teóricas. Ideias que partam dos seus pressupostos, mas que formem outros rostos, que fluam em outros sentidos, abordando a escrita e a análise sobre a realidade elasticamente, entre disciplinas.

A partir disso, podemos perguntar se uma ação visando a transformação social por parte do sujeito é gerada por um ato de vontade a partir, exclusivamente da consciência, ou se ela pode também ser gerada e efetivada por conteúdos inconscientes. Parece-nos que conteúdos inconscientes atuam no plano do comportamento humano, influenciando numa pretensa vontade ou ato exclusivamente consciente do sujeito. Assim, consideramos que articular tanto a esfera consciente quanto a inconsciente parece ser imprescindível no que concerne a transformação social. Esta, é uma proposição que anuncia a complexidade humana e suas potências de ação.

Logo, acreditamos ser o reconhecimento do inconsciente e suas influências nos conteúdos da consciência que nos permite trabalhar em propostas de transformação social e mudança política. Em outras palavras, salientamos que uma proposta com perspectiva de transformar a nossa realidade concreta, histórica e social, necessariamente passa por um ato de vontade consciente do sujeito, ato esse mediado pelo inconsciente. Porém, esse ato é necessariamente transformador enquanto o desejo de transformação se torna consciente, acontecendo quando o inconsciente se articula com a consciência.

Queremos deixar explícita com a afirmação acima nossa concepção de que a transformação histórica se vincula à autonomia do sujeito frente a sua consciência e ao seu inconsciente. Ainda, entendemos a necessidade da proposta transformadora se vincular a essas duas instâncias subjetivas sem incorrer em apologias da consciência — razão, vontade e intelecto; ou do inconsciente — pulsão e desejo, como instâncias privilegiadas uma em relação a outra.

O poder, considerando a perspectiva marxista que se apoia exclusivamente no sujeito racional, localiza-se no Estado. Consoante a essa perspectiva temos a leitura sobre a ideologia que entende que a sua superação possibilita o afloramento da consciência social. Marx propõe a extinção do poder e a superação da ideologia calcadas na superação do modo de produção capitalista. Nesse sentido, percebemos que o pressuposto da materialidade concreta, histórica e dialética, instiga movimentos concretos de ação política e de luta pela derrubada das desigualdades que regem o sistema capitalista que, atualmente, é conduzido pela lógica neoliberal.

Freud, por um lado, realiza uma leitura via psicanálise, na qual ele universaliza a família patriarcal; incompatibiliza cultura com princípio do prazer. Por outro lado, o autor abre caminho para o exercício de ações transformadoras por parte do sujeito ao localizar o poder como também alojado no inconsciente. Ele demonstra a importância de considerarmos essa instância psíquica na derrubada da sociedade e da

subjetividade conservadoras, através da desnaturalização de processos calcados nas fragilidades da consciência, denunciando que o sujeito cognoscente muitas vezes não é o senhor de sua própria casa.

Após esse apontamento, perguntamos sobre os manifestantes no cenário contemporâneo brasileiro que em nome do que denominam democracia e liberdade, delegam o poder a um representante político ao qual chamam de “mito” e abdicam da sua responsabilidade perante o exercício da sua autonomia. Considerando que estamos todos e todas imersos no sistema capitalista é viável pensar que somos capturados pelas práticas e discursos capitalistas que nos levam a desejar a ocupar o lugar de identificação àquele que se alardeia como encarnando o poder. Nessa perspectiva, o encantamento face aquele que irradia a identidade na forma de referências identitárias acopladas a conceitos como país, religião, condição socioeconômica, dentre outras, ocorre concomitante a repulsa ao diferente encarnado naquele que opera com referências diferenciadas não acopladas a matrizes identitárias.

A relação entre o discurso e a prática orientada pela consciência que diz ao sujeito que ele está conquistando o poder através de um ato de manifestação popular que ele considera democrático possivelmente esbarra nos aportes inconscientes que demandam a dependência e a subordinação aquele que manifesta a encarnação do poder. O que exclui o sujeito de ter que se haver com as perdas e ganhos do contato com a realidade e do luto pela alienação face ao outro.

Um sujeito democrático necessita compreender e se posicionar perante seu inconsciente e sua consciência, ambos forjados no sistema capitalista, mas que podem ser questionados a partir da crítica por ele exercida perante esse sistema. Ou seja, ao assumir sua vontade e seu desejo de busca pela felicidade e pela mudança social, o sujeito invoca sua disposição de enveredar pelos caminhos da mudança subjetiva e da mudança social, tendo que trabalhar com a diferença que o outro encarna.

A democracia demanda necessariamente a sustentação do outro na sua diferença, bem como, o luto pela alternância do poder. O poder se estabelece como um lugar que exige a manutenção da tensão e do equilíbrio entre o simbólico e o real, entre a presença e o vazio se sobrepondo, no sentido de que o poder no sistema democrático exige a alternância de pessoas que se alojam nos cargos, concomitante a suportabilidade da maioria para com essa alternância (Lefort, 2011).

Possivelmente, as pessoas que participaram de movimentos no Brasil pedindo a intervenção militar no país e que procuram inviabilizar manifestações culturais, conforme mostram as figuras apresentadas no início deste escrito, asseguram um governo federal conservador que tem demonstrado não sustentar a democracia e a diferença. Porém essas pessoas manifestam seu entendimento de que participam de movimentos pela liberdade de expressão e se entendem como democráticas. Podemos supor que a organização subjetiva dessas pessoas se encontra atravessada por aspectos conscientes e referências identitárias que as levam a se reconhecerem como progressistas e democráticas, apoiadoras da liberdade. Entretanto, também podemos supor que essas pessoas são atravessadas por aspectos inconscientes que as levam a temer a diferença que o outro encarna consoante a responsabilidade que a liberdade demanda.

Podemos ter aqui, em ação, tanto o efeito da ideologia que circula no Brasil atravessada por discursos de ódio ao diferente em relação a referência identitária do sujeito, bem como, aspectos inconscientes que marcam a posição subjetiva infantil e demandam a dependência em relação às figuras de poder autoritárias que garantem a supressão do desamparo e da condição humana da finitude. Consequentemente, esse movimento sustentado pela ideologia acaba por desresponsabilizar o sujeito de suas ações. Portanto, temos em ação o discurso ideológico conforme proposto por Marx (1846/2007), bem como, o desamparo conforme proposto por Freud (1908/2015, 1930/1976).

Assim, parece-nos importante ressaltar que as cenas brasileiras apontam que os discursos e práticas subjetivas e coletivas estão pautadas em uma tentação totalizante defendida pelo governo em vigor. Maria Macari e Amadeu Weinmann (2021) destacam como hipótese, que a tentação totalizante ganha força no início do século XXI e, evidentemente, consideramos este um importante fundamento que se alia nas tramas e ideologias históricas, políticas e sociais constituidoras da nação brasileira e, sobretudo, de diversos processos mundiais. A cenas salientam que a tentação em totalizar sustentam a vontade dos pressupostos científicos identitários modernos, do neoliberalismo e do fundamentalismo

religioso em conservar uma atitude singular/coletiva que distancia os sujeitos em aperceberem-se forjados, inconsciente e conscientemente, nesse paradigma.

Cabe lembrar que os atos apoiadores ao governo de extrema-direita presente no Brasil são intolerantes a qualquer manifestação contrária às suas pautas. Ocupam as ruas e também o espaço digital como as redes sociais com a finalidade de acusar, desqualificar e suprimir a diferença. Fundamentalmente, as expressões singulares e até mesmo artísticas que tensionam os poderes instituídos e, sobretudo, reivindicam outros modos de se subjetivar – considerando questões como classe social, gênero e relações étnico-raciais – são confrontadas de maneira violenta, autoritária e antidemocrática.

Esse cenário de esvaziamento do democrático nos convoca a problematizar as vozes que se posicionam e aquelas que calam, sobremaneira, os ecos que ressoam na produção subjetiva e na realidade social brasileira. Talvez, precisamos mais do que nunca unir as análises freudianas e marxistas para compreendermos os movimentos de recrudescimento da ação política da extrema direita, das posições conservadoras e dos discursos de ódio. Especialmente para pensarmos em estratégias para lidar com eles; para que enfim, se possa transformar a realidade.

ALGUMAS ANÁLISES FINAIS

Iniciamos este artigo problematizando a questão de que no Brasil contemporâneo continuam a dominar nos mais diversos cenários e contextos, propostas e práticas calcadas na exclusão do outro. Para trabalhar esse tema amplo que atravessa as redes sociais, políticas, econômicas, subjetivas, recorreremos a análise do poder em Karl Marx e Sigmund Freud. Ato contínuo, recorreremos a análise de cenas brasileiras ocorridas durante o governo do ex-presidente Bolsonaro. Foram enfatizadas, tanto na análise de obras de Marx e Freud quanto nas cenas de manifestações nacionais, as relações do sujeito com o outro e com o poder.

Entendemos que o conceito de poder na psicanálise e no marxismo pode produzir leituras críticas e potentes sobre o contexto que nos atravessa e constitui. As autocríticas elencadas nos possibilitam a inauguração de debates e arranjos dentro dessas matrizes teóricas, fornecendo condições para problematizar e transformar discursos instituídos e naturalizados. Sinalizamos ainda, que mesmo diante de um novo cenário político após 2022, permanece necessária as análises sobre as modalizações do poder e da política que persistem nas vias democráticas e nos processos de subjetivação, provocando lógicas de captura da diferença.

Quando da sua famosa viagem a Nova York, Freud comentou que estava “levando a peste” ao continente americano; podemos entender a partir dessa assertiva que o potencial disruptivo estava posto nessa modalidade de conhecimento. Por seu turno, Engels afirmava ser necessário conhecer, estudar e analisar as condições históricas e suas implicações para a organizações sociais e políticas, e que esse trabalho teria que ser realizado antes da adesão irrestrita a teorias estabelecidas *a priori*.

Ou seja, o trabalho crítico acompanha os próprios referenciais da psicanálise e do marxismo, pois a crítica envolve a pesquisa no que ela tem de inovador e de produção do conhecimento, ultrapassando a propagação e a divulgação da psicanálise e do marxismo. Esse trabalho demanda não apenas alterações conceituais, mas, ainda, a agregação de outras áreas do conhecimento.

É importante salientar que uma pesquisa, como a explicitada no artigo em questão, ou qualquer outra pesquisa, não se propõe exclusivamente a divulgar e propagar teorias, referendando-as. Consideramos que a pesquisa envolve necessariamente a dúvida, a crítica aos pressupostos, pois, o pesquisador trabalha com a crítica exercendo-a quando ultrapassa o substrato exclusivo da transmissão e propagação da teoria.

Vivemos num mundo que atravessa mudanças tecno-científicas cada vez mais voltadas à homogeneização, à deterioração e à padronização dos modos de vida. Aspectos subjetivos e coletivos passam a se pautar em arcaísmos que imaginávamos terem sido superados, como: a ascensão de fenômenos ligados ao fundamentalismo religioso e ao conservadorismo político e a escalada dos discursos nacionalitários que desembocam em posicionamentos reacionários. Percebemos, a partir de Freud e Marx, que haverá

somente resposta possível a esses movimentos de desigualdades e negação da diferença se operarmos uma autêntica revolução política, subjetiva, social e cultural; considerando os aspectos materiais e imateriais que produzem a vida humana.

Ao mesmo tempo, constatamos a partir das referências e das cenas do cenário brasileiro supracitadas que o poder não é unilateral, não pertence somente às figuras de autoridade e a burguesia. Ele é desejado e repudiado, de forma micro e macro política. O poder se faz presente em todas as relações singulares e coletivas. Todos os membros da sociedade civil, em maior ou menor grau, seja pela constituição psíquica marcada pelo infantil freudiano e/ou pelos discursos ideológicos que sustentam a concepção de classe marxista, vivenciam as relações de poder, sofrem por elas, mas também as aplicam e repetem. Nossa admissão explícita sobre os medos e os desejos de poder precisam ser escutados e perlaborados, para que os atos de ação política e de transformação social não só repitam, com outra roupagem, discursos e estratégias calcadas em fundamentos opressivos e discriminativos.

Portanto, as ações políticas devem operar não só nas forças materiais em grande escala personificadas pelo Estado, mas também nas forças psíquicas, pulsionais, de desejo; e vice-versa. As análises forjadas neste escrito visam instigar novos horizontes de ação política atrelados às perguntas sobre o cenário em que estamos inscritos; horizontes esses a serem desenhados a partir das relações dinâmicas entre conteúdos materiais e imateriais, privados e públicos, singulares e coletivos. Nesse sentido, traçamos como seres humanos, extremamente complexos e multifacetados, podem se questionar perante seus próprios discursos e dos outros, voltando-se a práticas transformadoras que elaborem consciente e inconscientemente suas propostas e práticas cotidianas.

REFERÊNCIAS

- Adorno, Theodor & Horkheimer, Max** (1985). *Dialética do esclarecimento*. Zahar.
- Adorno, Theodor** (2009). *Dialética negativa*. Zahar.
- Alessi, Gil & Oliveira, Regiane** (2021). Fim do STF e “*democracy, yes*”. As contradições do ato pró-Bolsonaro na Paulista. *El País*. <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-09-07/fim-do-stf-e-democracy-yes-as-contradicoes-do-ato-pro-bolsonaro-na-paulista.html#?rel=listaapoyo>
- Azevedo, Reinaldo** (2022). Censura no Lollapalooza: Bolsonaro mandou PL retirar ação por maus motivos. *Notícias UOL*. <https://noticias.uol.com.br/colunas/reinaldo-azevedo/2022/03/29/censura-no-lollapalooza-bolsonaro-mandou-pl-retirar-acao-por-maus-motivos.htm>
- Anderson, Perry** (1989). *Considerações sobre o marxismo ocidental*. Brasiliense.
- Barcelos, Thainá do Nascimento et al.** (2021) Análise de *fake news* veiculadas durante a pandemia de Covid-19 no Brasil. *Revista Panamericana de Salud Pública* [online], 45, e65. <https://doi.org/10.26633/RPSP.2021.65>
- Benjamin, Walter** (1996). *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. Brasiliense.
- Barone, Leda Maria Codeço** (2014). Uma crítica ao conceito de inconsciente a partir da Teoria dos Campos: implicações para a clínica psicanalítica. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, 48(1), 154-160.
- Birman, Joel** (1999). *Cartografias do feminino*. Editora 34.
- Birman, Joel** (2002). *Feminilidades*. Contra Capa.
- Chauí, Marilena** (2008). *O que é ideologia*. Brasiliense.
- Deleuze, Gilles** (1985). O pensamento nômade. In Scarlett Marton (Org.), *Nietzsche Hoje?* Colóquio de Cerisy (pp. 56-76). Brasiliense.
- Deleuze, Gilles & Guattari, Felix** (1976). *O Anti-Édipo*. Imago.
- Deleuze, Gilles & Guattari, Felix** (1992). *O que é a Filosofia?* Ed. 34.
- Deleuze, Gilles & Guattari, Felix** (1996). *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. Editora 34.
- Freire Costa, Jurandir** (2021). *Violência e Psicanálise*. Graal.
- Freud, Sigmund** (1930/1976). O mal-estar na civilização. In *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos* (Edição Standard brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XXI (pp. 75-174). Imago. (Original publicado em 1930)
- Freud, Sigmund** (1915/2010) *As pulsões e seus destinos* (Obras completas, 12). Companhia das Letras. (Original publicado em 1915)
- Freud, Sigmund** (1919/2011). *O inquietante* (Obras completas, 14). Companhia das Letras. (Original publicado em 1919)
- Freud, Sigmund** (1913/2013). *Totem e Tabu* (Obras completas, 11). Companhia das Letras. (Original publicado em 1913)
- Freud, Sigmund** (1908/2015). *Sobre as teorias sexuais infantis* (Obras completas, 8). Companhia das Letras. (Original publicado em 1908)
- Foucault, Michel** (1979). *Microfísica do poder*. Edições Graal.
- Habermas, Jürgen** (1980). *A crise de legitimação do capitalismo tardio*. Tempo Brasileiro.

- Habermas, Jürgen** (1982). *Teoria de la acción comunicativa: complementos y estudios previos*. Cátedra.
- Horkheimer, Max** (1983). *Teoria tradicional e teoria crítica*. Abril Cultural.
- Kehl, Maria Rita** (1996). *A mínima diferença: masculino e feminino na cultura*. Imago.
- Konder, Leandro** (1999). *Marx: vida e obras*. Paz e Terra.
- Lukács, Georg** (2012a). *Para uma ontologia do ser social I*. Boitempo.
- Lukács, Georg** (2012b). *Para uma ontologia do ser social II*. Boitempo.
- Lacan, Jacques** (2008). *O seminário Livro 20: Mais, ainda*. Zahar.
- Laplanche, Jean** (1992). *Novos fundamentos para a psicanálise*. Martins Fontes.
- Laplanche, Jean** (1988). *Teoria da sedução generalizada e outros ensaios*. Artes Médicas.
- Lefort, C.** (2011). *A invenção democrática: os limites da dominação totalitária*. Autêntica.
- Macari, Maria Lucia & Weinmann, Amadeu de Oliveira** (2021). Psicanálise e Revolução Russa: notas para um debate. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 39(2), 1-15. <https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.8595>
- Marcuse, Herbert** (1969). *O Fim da Utopia*. Paz e Terra.
- Marcuse, Herbert** (1973). *A Ideologia da Sociedade Industrial*. Zahar.
- Marx, Karl** (1978). Para a crítica da economia política. In *Manuscritos-econômico-filosóficos*. São Paulo: Abril Cultural (Os Pensadores).
- Marx, Karl** (1985). *O capital*. Difel.
- Marx, Karl** (1859/2000). *Para crítica da economia política* (Coleção Os pensadores). Nova Cultural (Original publicado em 1859)
- Marx, Karl** (2012). *As lutas de classes na França*. Boitempo.
- Marx, Karl & Engels, Friedrich** (1998). Manifesto do Partido Comunista. *Estudos Avançados*, 12(34), 7-46.
- Marx, Karl & Engels, Friedrich** (1843/2008). *Introdução à crítica da filosofia do direito de Hegel*. Lusosofia Press. (Original publicado em 1843) http://www.lusosofia.net/textos/marx_karl_para_a_critica_da_filosofia_do_direito_de_hegel.pdf
- Marx, Karl & Engels, Friedrich** (1846/2007). *A ideologia alemã*. Boitempo. (Original publicado em 1846)
- Munhoz, Sidnei J.** (2015). *Cidade ao avesso: desordem e progresso em São Paulo, no limiar do século XX*. CRV.
- Painel Coronavírus** (2020). *Coronavírus Brasil*. Ministério da Saúde. <https://covid.saude.gov.br/>
- Prado, Luiz** (2022). Destruição da cultura no governo Bolsonaro é tema de livro. *Jornal Da USP*. <https://jornal.usp.br/cultura/destruicao-da-cultura-no-governo-bolsonaro-e-tema-de-livro/>
- Portal 360** (2021). Em imagens, veja comparação dos atos do 7 de setembro e do MBL. Autor. <https://www.poder360.com.br/brasil/em-imagens-veja-comparacao-dos-atos-do-7-de-setembro-e-do-mbl/>

Histórico	<i>Submissão: 10/10/2022 Revisão: 25/05/2025 Aceite: 10/06/2025</i>
Editor científico	<i>Dr. Antônio Eusébio Filho</i>
Contribuição dos autores	<i>Conceitualização: RDMD Curadoria de dados: RDMD; ARCH Análise formal: RDMD; ARCH Investigação: RDMD Metodologia: RDMD; ARCH Escrita original: RDMD; Escrita - revisão e edição: RDMD; ARCH</i>
Financiamento	<i>Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC). Bolsas de mestrado. Edital de chamada pública fapesc, nº 48/2021.</i>
Consentimento de uso de imagem	<i>Não se aplica</i>
Aprovação, ética e consentimento	<i>Não se aplica</i>